

1899



SERRANA

Drama lyrico

VERSOS DE

H. LOPES DE MENDONÇA

VERSÃO ITALIANA DE

CEZAR FERREAL

MUSICA DE

ALFREDO KEIL



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO

Travessa do Sacramento, ao Carmo, 3 a 7

1899



SERRANA

SERRANA

DRAMA LYRICO

EM TRES ACTOS

Versos de

DRAMMA LIRICO

IN TRE ATTI

Versi di

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

Versão rhythmica italiana de | Versione ritmica italiana di

CESARE FERREAL

MUSICA DE

MUSICA DI

ALFREDO KEIL



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO

Travessa do Sacramento, ao Carmo, 3 a 7

1899



PERSONAGENS

ZABEL — Serrana.....	<i>Soprano dramatico</i>
PEDRO — Camponez de Alfatêma.	<i>Tenor</i>
MARCELLO — Idem da Malhada...	<i>Baritono</i>
NABOR — Velho maioral.....	<i>Basso</i>
ANDRÉ — Cantador.....	<i>Segundo tenor</i>
MANUEL — Aldeão da Malhada. .	<i>Segundo baritono</i>
UM PASTOR.....	<i>Segundo tenor</i>

Camponêzes e Camponêzas da Malhada
Homens da aldeia de Alfatêma — Soldados — Fiandeiras.
Pastores, etc.

A scena passa-se nos arredores
da aldeia da Malhada, na Serra da Estrella

EPOCA 1820



PERSONAGGI

ZABEL, serrana (montanara)	<i>Soprano drammatico</i>
PEDRO, contadino d'Alfatema . . .	<i>Tenore</i>
MARCELLO, contadino di Malhada	<i>Baritono</i>
NABOR, vecchio pastore	<i>Basso</i>
ANDRÉ, cantatore	<i>Secondo tenore</i>
MANUEL, villico di Malhada . . .	<i>Secondo baritono</i>
UN PASTORE	<i>Secondo tenore</i>

*Contadini e contadine di Malhada. — Gente del villaggio
d'Alfatema. — Soldati.
— Filatrici. — Pastori, ecc., ecc.*

I.a scena nei dintorni del villaggio di Malhada,
nei monti d'Estrella,
provincia della Beira-Baixa nello Portogallo.

EPOCA 1820



ACTO I

Arredores pittorescos de uma aldeia; ao fundo uma ermida meio occulta aos olhos do espectador. A direita a entrada de uma tasca com alpendre, parreiral, mesas e bancadas: á esquerda vê-se parte de uma ponte sobre uma ribeira que desce em torrente pela serra.

SCENA I

MANUEL e alguns camponeses sentados a uma mesa, bebendo. — NABOR junto d'elles, em pé. — Outros camponeses formam grupos, um pouco mais distantes.

CAMPONEZES

Já se ergue o sol na crista da montanha.
É quasi hora de festa...

UM GRUPO

Festa rija!

MANUEL, *levantando-se*

E mais rija ha de ser nossa campanha,
Quando a malta de além...

TODOS

A d'Alfatêma...

MANUEL

Á ponte se dirija...

CAMPONEZES

Villãos!

MANUEL.

Para insultar-nos...

CAMPONEZES

Que ella trema,
Essa turba infernal!

MANUEL

Lançou-nos Pedro odioso desafio
De varrer o arraial.

CAMPONEZES

Pois que venham p'ra cá esses valentes,
Mais o seu maioral!

MANUEL

Dar-lhe-heis vós que fazer, rapaziada!



ATTO PRIMO

Dintorni pittoreschi d'un villaggio; nel fondo un ermi-
taggio quasi occulto allo spettatore. A dritta per-
golato ed entrata d'una taverna con banche, tavola
e sedie: a sinistra parte d'un ponte sopra un torrente
che scende dai monti. Mattino.

SCENA I

*MANUEL e contadini seduti e bevendo. — NABOR con
loro, in pie—Altri formano gruppi, un poco più distante*

CONTADINI

Già spunta il sol, lassù dalla montagna...
Quasi è l'ora di festa...

UN GRUPPO

Bella festa!

MANUEL, *alzandosi*

E più bella sarà nostra campagna,
Quando color di là ..

TUTTI

Quei d'Alfatema...

MANUEL

Si dirigano al ponte...

CONTADINI

Villani!

MANUEL

Ad insultarci...

CONTADINI

Trema!... tremal...
Quella turba infernal!...

MANUEL

Pedro lanciò su noi gl'insulti odiosi...
Scacciarci ei vuole ancor!...

CONTADINI

Che vengano tutti alfin quei valorosi
E il capitano lor!

MANUEL

Da far darete a quella turba rea.

CAMPONEZES

Fiquem sabendo então que os da Malhada
Nunca viram ninguém que os amedronte!

MANUEL

Por S. Silvestre, nosso padroeiro,
Esse rebanho gafo e o seu rafeiro
Hão de ficar na ponte!

CAMPONEZES

Por S. Silvestre! não de ficar na ponte!

NABOR, *intervindo*

Deixae para longe as bulhas,
Rapazes! pensae na festa!
Acabe a ideia funesta
Que exalta um rancor feroz!

MANUEL E CAMPONEZES

Que dizes tu, Nabor?

NABOR

Tomae juizo!

Esse odio entre as aldeias é preciso
Que se extinga de vez.

MANUEL

Tu sabes como o Pedro...

NABOR

Anda raivoso
Contra o nosso Marcello... Mas bem vês!
É questão entre os dois...
Historias de mulheres!
Não nos mettamos pois
Em coisas com as quaes não temos nada.

MANUEL

Cal'te d'ahi, velhote, que o Marcello
É cá da nossa aldeia, da Malhada.

CAMPONEZES

Muito bem, muito bem!

NABOR

Pois deve ter juizo, elle tambem...
Por terras do Brazil deixando a Europa,
Já que leva a cachopa,
Esqueça-se que Pedro a amou um dia...

MANUEL E OUTROS, *com energia*

É certo! ha de pagar
Bem caro essa ousadia!

A Nabor

Ha de pagal-a, velho!

NABOR

Preceito é do Evangelho
Offensas perdoar.

SCENA II

*Os mesmos, MARCELLO, que ouviu as ultimas palavras,
entrando do fundo*

MARCELLO, *a Nabor*

Isso nunca!

CONTADINI

Che seppano che noi, quei di Malhada,
Nessun giammai indiètraggiar faccia.

MANUEL

Per San Silvestro, il nostro protettore,
Quel vil armento, con il suo pastore,
Rimaràno sul ponte!

CONTADINI

Per San Silvestro! rimaran sul ponte!...

NABOR, *frammettendosi*

Pace, amici, almen per ora...
Non pensate che alla festa!...
A scordar l'idea funesta...
Il rancor deve finir!...

MANUEL E CONTADINI

Che dici tu, Nabor?

NABOR

Su via... giudizio!...
Quest'odio fra i villagi, amici miei,
Deve cessar in ver!

MANUEL

Ma Pedro. . tu lo sai...

NABOR

Egli è furioso
Contro il nostro Marcello, ma ben vedi,
È un affare fra lor,
Affar sempre di donne!
Non mischiamoci poi
Di quel che a fine poco importa a noi!

MANUEL

Ma taci... tu non sai, che lui... Marcello
E del nostro villaggio... di Malhada?

CONTADINI

Ha ragion... ha ragion!...

NABOR

Ma deve esser prudente, lui ancor!
E se lasciando Europa, la fanciulla
Al Brazil va con lui,
Deve scordar che un dì Pedro l'amava!...

MANUEL ED ALTRI, *con energia*

È ver... e dee pagar
Ben caro tanto osar!

A Nabor

Lo pagherà, vedrai ..

NABOR

Esige l'Evangelio
Le offese perdonar!

SCENA II

*I precedenti, MARCELLO che udì le ultime parole;
entrando dal fondo*

MARCELLO, a Nabor

Questo... mai...

Todos

Eh! Marcello!

MARCELLO, *tomando Nabor á parte*

Tu zombas,

Não conheces minh'alma, Nabor!

Na montanha ha só aguias, não pombas;

Companheira é a raiva do amor!

Os camponezes afastam-se um pouco para o F.

NABOR

Ah! porque has de no sangue fraterno

Ensopar, ó Marcello! esse amor?

A velhice dos maus, negro inferno

De remorsos prepara o Senhor!

MARCELLO, *baixo a Nabor*

Basta, meu velho, basta. Tu não sabes

O que é sentir o peito estrafegar-se

Nas ancias do ciúme!

NABOR

Acaso eu não fui moço?

MARCELLO

Ha longo tempo!

NABOR

E ainda sinto o coração queimar-se

Nas cinzas d'esse lume.

MARCELLO

Fundas memorias

Do amor passado

Inda a meu lado

Sente a Zabel.

Quando na proxima

Viagem pensa,

Saudade immensa

A punge, infiel!

NABOR

Saudades são da patria!

MARCELLO, *duvidoso*

Possa eu crel-o!

NABOR, *quasi em segredo*

Mas tu, mas tu, Marcello!

Tu, cujo vinho espuma nas adegas,

Tu, que tens o celleiro transbordante,

Tu, que possues no lar mulher galante,

Que empenho te seduz

De procurar longinquas

Terras de Santa Cruz?

MARCELLO, *febrilmente*

De riquezas sem fim, de opulencia,

Vasta fonte se encontra além-mar!

N'esse luxo que encanta a existencia

Ancias quero de goso estancar!

NABOR

Mas se em rixa cruenta a existencia

Com teus sonhos de gloria findar?

Os camponezes que estavam ao fundo começam a aproximar-se.

TUTTI
È Marcello!...

MARCELLO, *in disparte a Nabor*

Tu scherzi...

Non conosci quest'alma, Nabor!...

Lassù l'aquila, non la colomba,

Stende il vol, ed ho l'odio nel cor!

I contadini allontanansi un poco verso il fondo.

NABOR

Ma perchè tu nel sangue fraterno

Vuoi, Marcel, quest'amore macchiar!

Il rimorso, che vien dall'inferno,

L'esistenza ti vedo straziar!

MARCELLO, *somessamente a Nabor*

Basta, vegliardo... basta... tu non sai

Qual è l'ardor, che in me stesso accende

Il mio geloso amor!

NABOR

Ma giovine non fui?

MARCELLO

Son già tanti anni!

NABOR

E nuova fiamma sento mi riprende,

A quei ricordi ancor!

MARCELLO

Care memorie

Del scorso amore...

Chiama il mio cuore

La mia Zabel!

Quando nel prossimo

Viaggio pensa,

Che doglia intensa

Per l'infedel!

NABOR

Doglia sol della patria!...

MARCELLO, *dubitando*

Ah! se il credessi!

NABOR, *quasi in secreto*

Ma tu, ma tu, Marcello,

Tu ricco di buon vino spumeggiante,

Tu ricco d'ogni avere e di ogni cosa,

Tu ricco d'una donna sì galante,

Dimmi, perchè vuoi tu

Così lunge viaggiar,

Ed al Brasil andar?...

MARCELLO, *febrilmente*

Di ricchezza, di fausto, opulenza,

Fonte immensa s'incontra oltre il mar,

Nei tripudii di nuova esistenza,

Nuovi affetti vi voglio cercar!

NABOR

Ma se in rissa fatal, l'esistenza

E i tuoi sogni di gloria cessar?

I contadini che stavono nel fondo cominciano ad avvicinarsi.

MARCELLO, *com expressão rancorosa*
 Esta raiva que me inflamma
 Deixará rasto fatal!
 Hei de encher este arraial...
 Morra o homem, fique a fama!

Os camponezes escutam com enthusiasmo.

MANUEL E CAMPONEZES
 Viva Marcello! Viva
 O nosso maioral!

MARCELLO

E emquanto além não surge o bando inteiro
 Dos bravos de Alfatêma, ô taberneiro!

Dirigindo-se ao taberneiro que está á porta da tasca.

Destapa esse batoque,
 Despeja esse tonel!

MANUEL E CAMPONEZES
 Que o vinho choque, choque,
 Transborde no pichel!

O taberneiro serve os camponezes.

NABOR, *com doçura, a Marcello*
 Porque em fúrias tu'alma se deleita?
 Ah! se é benigno o sol, farta a colheita,
 Afoga n'este vinho o teu rancor
 E canta alegre só de amor!

MARCELLO

Sim! que me inspira este licor!

Empunha o pichel que Nabor lhe offereceu, e entoa a canção. Todos cercam Marcello.

Eva, lá no Paraizo,
 Uma vide quiz plantar;
 Envolveu-a n'um sorriso,
 E o seu pranto a foi regar.
 Sobre o tronco, d'improviso,
 Os botões fez rebentar.

Logo apoz, d'estes bacellos
 Cachos d'ouro viu brotar...
 Em licor veio a bebel-os,
 Espremido no lagar,
 Louro como os seus cabellos,
 Doce como o seu olhar!

Espumante e bemfazejo
 Chega aos labios o licor...
 Cada sôrvo é como um beijo
 Corre o vinho, brota amor!

TODOS EM CORO

Cada sôrvo é como um beijo,
 Corre o vinho, brota amor!

Ouvem-se fóra as rebecas e os violões; os camponezes correm ao fundo.

MANUEL
 A nossa aldeia chega!

CAMPONEZES
 Venha embora!

MARCELLO, *con rancore*

Quest'amor che in me si desta,
Fatal solco lascierà!...
Il villaggio lo vedrà...
Muore l'uoin, la fama resta!...

I contadini ascoltano con entusiasmo.

MANUEL E CONTADINI

Viva Marcello!... evviva
Il nostro capitan!...

MARCELLO

E mentre di là viene il bando intier
Dei bravi d'Alfatema, a bere... a ber! ..

Si dirige al taverniere che stá sulla porta.

Aprici un buon baril,
Versaci da bèver!

MANUEL E CONTADINI

Ed il licor gentil
Travàsi dal bicchier!

Il tavernier serve i contadini.

NABOR, *con dolcezza, a Marcello*

Perchè nell'odio si diletta il core?
Che se benigno è il ciel, ricche le messi,
Dimentica nel vino ogni rancore,
E canta e canta amor!

MARCELLO

Sì, che m'ispira il bel licor!

Prende il boccale che gli offre Nabor e comincia la canzone. Tutti attorniano Marcello.

Eva, là nel Paradiso,
Una vite vuol piantar!
E l'involve in un sorriso,
E i suoi pianti la bagnar!...
Sovra i tralci d'improvviso
I germogli fea spuntar...

Ed i grappoli ingemmati
Presto vide maturar!
In licore trasformati
Le sue labbra il delibar!
Come il biondo crin dorati,
Dolci come il suo guardar!

E spumante e benedetto
Viene al labbro il buon licor,
Ogni sorso è come un bacio,
Scorre il vino, nasce amor!...

TUTTI

Ogni sorso è come un bacio
Scorre il vino, nasce amor!

Si sentono i violini e le viole: i contadini accorrono al fondo.

MANUEL

Tutto il villaggio vien...

CONTADINI

Ch'ei venga pure!

ZABEL E MAIS RAPARIGAS, *jóra*

Nascida no meio da serra,
É mais resistente a flôr,
E no peito das serranas
Tem mais raizes o amor.

Marcello escuta, enleiado, a voz de Zabel.

NABOR, *baixo a Marcello*

Afasta esse odio cruel,
Marcello!

MARCELLO

D'essa turba encantadora
Só escuto a Zabel!
Ai! como a sua voz tremula chora!

SCENA III

Os mesmos, ZABEL, toda a gente do logar que vae para o arraial, entrando D. A.

AS CANTADEIRAS

Nascida no meio da serra,
É mais resistente a flôr,
E no peito das serranas
Tem mais raizes o amor.

OS HOMENS E MAIS POVO

Folgar sem medo, rapazes!
Folgar, folgar, camponezas!
É hoje dia de festa,
Amanhã virão tristezas.

CORO DE MULHERES, *destacando-se do mais povo, batem nas mesas chamando o taberneiro*

Viva a festa do nosso padroeiro!
Vinho, quer-se mais vinho, ó taberneiro!

Os homens riem.

ZABEL, *a Marcello que se tem conservado sentado desde a entrada do coro*

Só tu, no meio d'alegria tanta,
Ainda não sorriste!

MARCELLO, *com mau modo, levantando-se*
Deixa-me!

Mudando de tom.

Não! Vem cá! Sorri-me! espanta
Dos meus enleios o rebanho triste.

Chega-se á mesa.

Quero vinho tambem; vinho ao Marcello!
Corra ahi vinho a rôdo!
Eia, enxuguemos todo
O da tasca!

HOMENS

Juramos nós bebel-o!

MANUEL

E para de alegria encher o mulherio,
É preciso que alguém nos cante ao desafio.

HOMENS E CANTADEIRAS, *apontando para Zabel*
Zabel! Zabel!

ZABEL

Pois vá! E o cantador quem é?

ZABEL E COMPAGNE, dentro

Nativo dell'aspra montagna
È più resistente il fior :
Le belle figlie dei monti
Sempre eterno han l'amor !

Marcello ascolta estatico la voce di Zabel.

NABOR, somessamente, a Marcello
Caccia l'odio crudel...

Marcello !...

MARCELLO

Fra lor tutti, solo ascolto
La gentile Zabel !
Come la voce sua tremula piange !...

SCENA III

*Gli stessi, ZABEL e la gente tutta del villaggio che va
alla festa, entrando dalla dritta*

CANTATRICI

Nativo dell'aspra montagna
È più resistente il fior...
Le belle figlie dei monti
Sempre eterno han l'amor !

UOMINI E GENTE DEL VILLAGGIO

Gioir, amici e compagni...
Gioir ! gioir .. su... fanciulle...
È giorno oggi di contento...
E doman Dio.. lo dirà !

CORO DI DONNE, staccandosi sempre dagli altri, schiamazzando, chiamano l'oste

È la festa del nostro protettore ;
Vino vogliam del buono e del migliore !
Gli uomini ridono.

ZABEL, a Marcello che rimase seduto fino dall'entrata
del coro

Sol tu, fra tanta e tanta gioia nostra
Non sorridesti ancor !...

MARCELLO, sgarbatamente, alzandosi
Lasciami...

Cambiando il tono

Non... vien qua... sorridi... scaccia
Dei miei dolori il lugubre corteo !...
S'avvicina alla tavola.

Voglio vino io pur... vino a Marcello ..
Scorra abbondante il vino...
Noi tutto il beberemo...

Al'oste

Olà... vien qua...

UOMINI

Di berlo noi giuriamo !

MANUEL

Per allietar le donne, convien che alcuno cante
Uno stornello a due, in questi tristi istanti...

UOMINI E DONNE, indicando Zabel

Zabel ! Zabel !...

ZABEL

Ebben ! chi mi risponderà ?...

MANUEL

Lá para responder-te é que ninguém!

MULHERES E HOMENS, *apontando para André*
André!*Destaca-se de um grupo André com guitarra; seguem-no outros camponeses também com guitarras. Marcello e Nabor sentam-se junto de uma mesa.*

ZABEL.

Chamam-me rosa nos montes,
Nos montes onde eu nasci;
Toma cuidado co'a rosa
Que tem espinhos p'ra ti.Como a rosa das campinas
Tem abrolhos a mulher;
Attrae muito o seu perfume,
Mas faz mal a quem a quer!*O coro repete a segunda quadra.*ANDRÉ, *respondendo-lhe*Chamam-lhe rosa nos montes,
Nos montes onde nasceu;
Quem dá só para tel-a
Fortuna e vida, sei eu!Enchi minhas mãos de sangue,
Quando te quiz apanhar;
Mas conheço quem primeiro
Te colheu sem se arranhar.MARCELLO, *interrompendo e dando um murro na mesa, levanta-se*Não quero mais cantigas,
Ou vae já tudo raso!*Admiração geral. Zabel fica atemorizada; Nabor tenta socegar-a.*CORO DE MULHERES, *a Zabel*

Deixa! não faças caso!

MARCELLO, *às mulheres*

Caluda, raparigas!

A Zabel.

Eh! Zabel! para aqui!

CORO GERAL

Caso estupendo!

Tonos, *a Marcello que ficou pensativo*

Porque te zangas tu?

MARCELLO

Eu cá me entendo.

Aparte.

A cada nota de um tal descante

Eu sinto já

Que uma lembrança do antigo amante

Lhe surgirá.

As mulheres, formando grupo, combinam-se entre si.

MANUEL

Nessun per replicarti?... vediam!

UOMINI E DONNE, indicando André

André qui stà!...

S'avvanza da un gruppo André con la chitarra: seguono altri contadini con chitarre: Marcello e Nabor siedono insieme presso la tavola.

ZABEL

Chiamanmi rosa nei monti,
Nei monti dove nascea!...
Ma guàrdati dalla rosa...
Che le spine avrà perte!...

Qual le rose dei bei campi
Pur la donna sa far male...
Molce l'alito fatale...
Ma il dolor porta con se!...

Il coro ripete la seconda strofa.

ANDRÉ, rispondendo

Chiamanla rosa nei monti
Nei monti dove nascea...
Lo chi daria per averla
Fortuna, vita, e l'onor!...

La man di sangue intrisi
Quando còglierti volea;
Ma conosco chi primiero,
Ti cogliea... senza dolor!...

MARCELLO

Non voglio più stornelli
O tutti vanno fuori...

Stupefazione generale. Zabel resta atterrita: Nabor tenta di calmarla.

CORO DI DONNE, a Zabel

Lascia... non dargli rêtta!...

MARCELLO, alle donne

Silenzio... donne... or via...

A Zabel

Eh! Zabel... vieni quà...

CORO

Caso stupendo!

TUTTI a Marcello che resta pensieroso

Perchè t'arrabi tu?...

MARCELLO

Io sol m'intendo!

A parte

Ciascuna nota di questo canto,
Io sento già,
Che il sovvenire dell'altro amante
Ricorderà...

Le donne formano gruppo.

*descante proprio
Cares -
tutto a melior
melodico da allora*

As MULHERES, *dirigindo-se a Marcello em tom de moça*

Senhor Dom Marcello,
Vamos convencel-o,
Não seja cruel!
Que vossa Excellencia
Deixe, por clemencia,
Cantar a Zabel!

Os HOMENS, *em áparte*

Na alma de Marcello
Já desponta o zelo
Da pobre Zabel!

As raparigas

Caluda! prudencia!
Que a menor pendencia
Póde ser cruel!

NABOR, *áparte*

Senhor, d'este zelo
Abranda o flagello
N'essa alma cruel!
Senhor! tem clemencia!
Aclara a demência
Do bando revel.

CORO

A furia, Deus! vence-a,
Que acode em tropel!

ZABEL, *áparte*

O' serras gigantes! ó ceu cristalino!
Partir o destino — me ordena, que dôr!
Que fundas saudades! que triste viagem
Ao pé do selvagem — meu rude senhor!
Ai Pedro! liberta minh'alma dorida
Que apenas tem vida — no teu doce amor!

MARCELLO, *consentindo por fim*

Cante embora!

MULHERES, *comprimentando Marcello*

Graças! graças!

CORO GERAL, *a Zabel*

Viva a bella cantadeira!

Dispõe-se Zabel, André e o coro a recommençar o descante, quando se sente um tiro além da ponte.

ALGUNS DO POVO, *ao fundo*

De Alfatêma já se avista
A companha além no monte!

MARCELLO, *com enthusiasmo*

Defendamos nós a ponte!

Os HOMENS

Hão de ter com quem lutar.

CORO GERAL, *muito animado*

A turba que avança
Deshonra nos traz!
Vingança! Vingança!
Que o braço não cança
Na guerra tenaz!

CORO DI DONNE, *dirigendosi a Marcello con ironi*

Signor Don Marcello
Ve lo domandiamo,
Non siate crudel !...
Lasciate, Eccellenza,
In vostra clemenza
Che cante Zabel !...

CORO DI UOMINI, *a parte*
Nel cor di Marcello,
Geloso già freme
L'amor di Zabel !

Alle fanciulle

Tacete... prudenza !
Qualunque imprudenza
Sarebbe crudel !

NABOR, *a parte*
Signor, di quest'odio
Deh, placa il flagel
Nell'alma crudel !
Signor, deh clemenza,
Inspira prudenza
Al bando rebel !

CORO
Signor ! Tanta furia
Deh placa dal ciel !

ZABEL, *a parte*
Oh monti giganti ! oh ciel cristallino !
Lo vuole il destino — partire dovrò !
Che tristi ricordi ! che triste sentiero,
Riunita all'altero — mio rude signor !...
Oh Pedro ! dell'alma m'uccide la pena !
Sei vita e catena — di questo mio cor !

MARCELLO, *alfine consentendo*
Canta pure !...

DONNE, *ringraziando Marcello*
Grazie !... grazie !...

CORO, *a Zabel*
Viva a te !... la cantatrice !...

*Dispongonsi Zabel, Andrè ed il coro a ricominciare
quando si sente uno sparo di là dal ponte nel fondo.*

UN CONTADINO, *dal fondo*
D'Alfatema già si vede
L'altro bando là dal monte !...

MARCELLO, *con entusiasmo*
Difendiamo tutti il ponte !

UOMINI
Ed avran con chi lottar !

CORO GENERALE, *molto animato*
La turba che avanza
Ci trae disonor
Vendetta... vendetta...
Che il braccio non ceda...
Mostriamo valor !

CORO DE MULHERES, *aos homens*
 Deixae sem tardança
 'Tal ira fugaz!
 Que a negra vingança
 Peçonha só lança
 Nas festas da paz.

PEDRO E OS SEUS, *ao longe*
 Eia! bravos de Alfatêma!
 Toda a serra nos approva:
 Quem quizer lutar comnosco
 Falle ao chão, peça-lhe a cova.
Os da Malhada escutam-os com desdem.

MARCELLO, *respondendo-lhes*
 Toda a serra aqui proclama
 Que os valentes somos nós!
 Tudo foge á nossa voz:
 Morra o homem, fique a fama!
*O coro de homens acompanha Marcello. Marcello
 com a sua gente corre para o fundo; apparecem os de
 Alfatêma na ponte.*

COROS
 —Viva a Malhada!
 —Viva Alfatêma!
 —Fóra a cambada!
 —Que a corja trema!

SCENA IV
*Os mesmos, PEDRO á frente dos seus, a meio da ponte,
 de clavina em punho*

PEDRO, *com ironia*
 Ah! coragem! Marcello, se és homem,
 Não hesites, cá tens o rival!

MARCELLO, *a Pedro*
 A Marcello pretendes que tomem
 Por cobarde, poltrão, desleal?

ZABEL, *áparte*
 Ai! que angustias de amor me consomem!
A Marcello
 Não acceites a luta mortal!

NABOR, *áparte, olhando para Zabel*
 Ai! que angustias de amor a consomem!
A Marcello
 Não acceites a luta mortal!

PEDRO
 Essa mimosa flôr, bandido, que roubaste
 Nos alcantis da serra e ao longe vaes levar,
 O rutilar dos soes ha de murchal-a n'haste,
 Ha de roubar-lhe o aroma a brisa acre do mar.

MARCELLO, *furioso*
 Ah! perro! sentirás, sósinho aqui na Europa,
 O ciúme a roer, tal como outr'ora a mim!
 É minha, é minha só, minha agora, a cachopa!
 Estremece de raiva, estrebuxa, mastim!

*Ameaça avançar. As mulheres mettem-se de per-
 meio; accodem os soldados.*

CORO DI DONNE, *agli uomini*
 Smettete quest'ira,
 Quest'ira, oh dolor!...
 La negra vendetta
 Sol cangia la festa,
 In lotta e furor!

PEDRO ED I SUOI, *lontani*
 Olà... i bravi d'Alfatema
 Tutto il monte ci applaude...
 Chi vorrà lottar con noi,
 Parli al suol, chieda una bara!

Quei di Malhada ascoltano con disprezzo.

MARCELLO, *rispondendo*
 Tutto il monte già proclama
 Che noi siamo i vincitori!
 Tutto fugge al nostro grido:
 Muora l'uom, resti la fama!

*Il coro d'uomini accompagna Marcello.—Marcello con
 suoi corre al fondo: si vedono sul ponte quei d'Alfatema.*

CORI
 —Viva Malhada!
 —Viva Alfatema!
 —Fuori quel bando...
 —Tremar costoro!...

SCENA IV

Gli stessi; PEDRO con i suoi in mezzo al ponte, con fucile

PEDRO, *con ironia*
 Su coraggio, Marcel... se uomo sei,
 Evitare non devi il rival!...

MARCELLO, *a Pedro*
 È Marcello, tu credi... rispondi...
 Un codardo, ed un vile sleal?

ZABEL, *a parte*
 Ah! che angustia, mio Dio... mi consume
 A Marcello

Non consenti la lotta mortal!...

NABOR, *a parte, mirando Zabel*
 Ah! che angustia d'amor la consume!
 A Marcello

Non consenti la lotta mortal!

PEDRO
 Questo leggiadro fior, bandito, che rubasti
 Ai nostri verdi monti, e lungi il vuoi portar,
 Il rutilar dei soli gl'appassirà lo stelo,
 Gli toglierà l'aroma la brezza acre del mar!

MARCELLO, *furioso*
 Ah vile! tu qui solo, alfine sentirai
 L'atroce gelosia morderti l'atro cor,
 È mia, è solo mia Zabel, eternamente,
 Muori di rabbia, cane, e muori di furor!

Volendo avanzar. Le donne pongonsi in mezzo. Accorrono soldati.

PEDRO E OS SEUS

Avante, amigos meus! desarmemos a tropa!
Abaixo os valentões!

MARCELLO E OS SEUS

Morte ao villão ruim!

CORO DE MULHERES

Piedade! não queiraes buscar a morte assim!

Emquanto os da Malhada desarmam a tropa e as mulheres fogem para o lado da tasca, Marcello e Pedro desafiam-se e apontam as clavinas.

MARCELLO

Veremos a quem
Pertence a florinha!

PEDRO

Nem tua, nem minha!

ZABEL, *soltando um grito e collocando-se entre ambos*
Matae-me tambem!

Os dois abaixam as clavinas. Os partidos hesitam. Grande silencio.

ZABEL, *a Pedro, a Marcello e a ambos os partidos*

Em nome dos paes, que á vida nos guiam,
Das tristes esposas, que em vós só confiam,
De ternos filhinhos, que em berço vos riam.
Recuae!

COROS, *recuando*

Veremos agora
O que d'isto sae!

OS DE ALFATEMA, *a Pedro*
Então que decides?

OS DA MALHADA, *a Marcello*
Contra elles não vás?

NABOR, *a ambos os partidos*
Ah! basta de lides!
Dementes! atraz!

ZABEL, *descendo com Marcello*

É louco o ciume, que ahi tumultua!
Bem vês! eu sou tua,—contigo vou só!

PEDRO, *descendo tambem*

O infame recua,
A voz d'ella só!

MARCELLO

Rancor! á voz sua,
Dissipa-te em pó!

NABOR

Que Deus lhes influa
Nas almas o dó!

MULHERES

P'ra nós, não conclua
A festa no dó!

PEDRO E CORO

Avante, amici miei, disarmiamo costor !
Abbasso quei valenti !...

MARCELLO E CORO

Morte, morte a color

DONNE

Pietade ! e non cercate la morte nell'orror !

*Mentre quei di Alfaterna disarmano i soldati, e le
donne fuggono dal lato della taverna, Marcello e Pedro
si insultano ed appuntano i fucili.*

MARCELLO

Vedrem di chi omai
Sarà quel bel fior !

PEDRO

Ne tua, ne mia... finor !

ZABEL, *con un gran grido si frappone*

Uccidimi ancor !

*I due abbassano le carabine: i due gruppi èsitano:
gran silenzio.*

ZABEL, *a Pedro, a Marcello ed ai due gruppi*

In nome dei vecchi, che l'esser vi han dato,
Di tenere spose, che tanto hanno amato,
Del caro sorriso dell'ultimo nato,
Indiétro ! ..

CORI, *indietreggiando*

Adesso vedremo
Che va succéder !

CORO D'ALFATEMA, *a Pedro*

Ebben che decidi ?...

CORO DI MALHADA, *a Marcello*

Perché non andiam ?...

NABOR, *alle due bande*

Dementi !... omicidi ! ..
Indiétro... finiam ! ..

ZABEL, *discendendo con Marcello*

É stolto quell'odio che struggeti il core !
Lo vedi, son tua... con te partirò !...

PEDRO, *incontrandosi alla diritta di Zabel*

Ed alla sua voce
Calmava il furor !

MARCELLO

La sola sua voce
Inebriagli il cor !

NABOR

Che plachi ques'ira
Clemente il Signor !

DONNE CORO

Per noi che la festa
Non turbi il dolor

HOMENS, ameaçadores

A malta recua,
Reduza-se a pó!

Manuel e outros acercam-se de Marcello para combinar a questão da contenda, mas Marcello medita nas ultimas palavras de Zabel.

ZABEL, muito baixo a Pedro

Adoro-te! do espirito
Afasta a sombra van!

Olhando em redor

À noite, em casa, espero-te...
Não faltes... amanhã!

PEDRO, com intima alegria, áparte

Meu Deus! Que raio fulgido
Me rasga enfim a treva!
A sua voz aos pincaros
Do ceu minh'alma eleva!

MARCELLO, idem, áparte

Como subtil relampago
Do ceu corta os negrumes,
Ella dissipa, rapido,
Os meus torvos ciumes.

NABOR, áparte

Se a formosura esplendida
Deslumbra um peito rude,
Para aplacar-lhe os impetos
Que Deus lhe dê virtude!

ZABEL, a Pedro, áparte

Contra o bandido, energica,
Minh'alma se rebella;
De ti, de ti, recorda-se,
Senhor sómente és d'ella!

PEDRO, satisfeito, dirigindo-se aos seus
Amigos, que desprezem vossos animos
Facil combate aqui!

CA Marcello

Graças lhe rende! essa moçoila pallida
Salvou os teus e a ti!

MARCELLO, avançando, forcejando por se desembaraçar de
Zabel e de Nabor que o seguram

Atreves-te?... Deixae-me! Inda julgas que eu tema?

ZABEL E NABOR

Meu Deus!

CORO DA MALHADA

Viva a Malhada!

MARCELLO, soltando-se

Emfim!...

CORO DE ALFATEMA

Viva Alfatêma!...

Os dois partidos avançam um para o outro, travando-se entre alguns renhida lucta a cacete e a braço; de repente ouve-se o repicar dos sinos e um canto de mulheres ao longe. Nabor mette-se entre os dois partidos.

UOMINI, *minacciosi*
Già cedan costor
Al nostro valor !

Manuel ed altri avvicinansi a Marcello per combinare la contesa, ma Marcello medita sulle ultime parole di Zabel.

ZABEL, *sotto voce a Pedro*
T'adoro e da quest'anima
Fuggi timori insani !

Mirando intorno.

La notte in casa attendoti...
Non mancar... a doman !...

PEDRO, *con intima allegria, a parte*

Mio Dio, che raggio fulgido
Lassù dal ciel, vegg'io !...
L'accento suo rapiami !...
Cangiasi il viver mio !...

MARCELLO, *l'istesso a parte*

Come il baleno rapido
La nube oscura fende,
Scaccia dall'alma l'odio,
La pace in me discende.

NABOR, *a parte*

Se la bellezza splendida
Fascina il rude petto,
Placa, o Signore, gl'impeti
Di sì possente affetto.

ZABEL, *a Pedro, a parte*

Contro il bandito, energico
Ribellasi il mio amore :
Solo di te ricordasi,
Solo di te, il mio cuore !

PEDRO, *soddisfatto dirigendosi ai suoi*
Amici, disprezzate, deh credetemi !
Sì facile pugnar !

A Marcello

Grazie rendete... questa bella giovine
Tutti sapea salvar !

MARCELLO, *avanzando e sforzandosi di sbarazzarsi di Zabel e Nabor che lo assicurano*

Ed osi ancor ? mi lascia ! o credi che ti temo ?...

ZABEL E NABOR
Mio Dio !

CORO DI MALHADA
Viva Malhada !

MARCELLO, *sbarazzandosi*
Alfin !...

CORO DE ALFATEMA
Viva Alfatemala !

Le due bande avanzano una sull'altra, lottando accanitamente a pugni e coi bastoni : ad un tratto si sente lo squillo delle campane ed un canto di donne lontano: Nabor si frappone fra le due bande.

NABOR, *intervindo*
 Suspendei, dae treguas
 Ao rancor fraterno!
 N'essas almas lobregas
 Faça luz o Eterno!

ZABEL
 Aplaquem-se os odios!
 N'um sentir mais terno!

PEDRO
 Na minh'alma espalha-se
 Um clarão superno!

MARCELLO
 A minh'alma acurva-se
 Ao poder do inferno!

Atravessam a scena, vindo pela ponte, diversos grupos de camponezes e creanças e de raparigas com fogaças á cabeça.

CORO, *que está em scena*
 Lá chega a romaria!
 E o padre mais atraz.

Todos se descobrem.

NABOR
 Curvae-vos n'este dia
 Perante o Deus de paz!

CORO FESTIVO, *que passa*
 Salve! Santo Padroeiro!
 Descerra aos teus afillados
 As mãos cheias de virtudes
 E vasias de peccados!

Os que estão em scena entoam o mesmo coro. O cura apparece montado n'uma mula, segura pela arreata por dois camponezes.

CAE O PANNIO.



NABOR, *intervenendo*

Cessate... date tregua
Al rancore fraterno...
In questi cori perfidi
Discenda alfin l'Eterno !...

ZABEL

Si plachi alfin tant'odio
Al voler del Superno !

PEDRO

Ignoto in me ridestasi
Dolce un effluvio interno !...

MARCELLO

Soccombe già lo spirito
Al poter dell'Inferno !

Attraversano la scena venendo dal fondo diversi gruppi di villici, fanciulli e ragazze, portando focaccine sul capo.

CORO, *in iscena*

Già vien la romaria,
Il prete va con lor !

Tutti si scoprono.

NABOR

Pregate ed implorate
Di pace il Dio Signor !

CORO FESTIVO, *che passa*

Salve, Santo Protettore !
Le man stendi ai figli amati !
Piene son d'ogni virtude
E son scevre di peccati !

Quelli che stanno in iscena cantano lo stesso coro: il prete appare montato su d'una mula, scortato da due contadini che tengono le rèdini.

CALA LA TELA





ACTO II

Interior de uma casa abastada: porta ao fundo communi-
cando com a escada exterior: á direita, grande ja-
nella: á esquerda, entrada para o outro quarto: ar-
cas ao fundo: uma mesa com candeia grande acêza,
bancos. É noite: forma-se uma trovoadá na serra.

SCENA I

ZABEL e FIANDEIRAS

CORO DE FIANDEIRAS

I

Para fazerem um manto
À Senhora do Pilar,
Os anjos em rocas de ouro
Fiam raios de luar.

Fia, fiandeira,
O teu alvo linho,
Não te fies nos homens
Que dão mau caminho.

II

O manto já estava prompto,
Faltava só enfeitar;
Os botões eram de estrellas,
A renda espuma do mar.

Fia, fiandeira,
N'essa linda roca;
Não te fies no amante,
Que te beija a bocca.

ZABEL.

Noite fechada quasi! Companheiras,
Dae por finda a tarefa, que é já tarde!

FIANDEIRAS, levantando-se
Deus te guarde, Zabel!

ZABEL.

Que Deus vos guarde!

Abrem a porta. Fulge um relampago.

FIANDEIRAS, recuando
Santa Barbara!

ZABEL.

Deus!



ATTO SECONDO

Interno d'una casa ricca: porta nel fondo comunicando con la scala esteriore: a diritta grande finestra: a sinistra entrata di stanza: stipi nel fondo: una tavola con una grande lampada accesa: banche, cassone e baùli. È notte: formasi la tempesta sui monti.

SCENA I

ZABEL e le FILATRICI, sedute intorno a Zabel

CORO DI FILATRICI

I

Per far dono d'un bel manto
Alla Vergin del Pilar,
Serafini in fusi d'oro
Raggi di luna filâr!

Fila tu, fanciulla,
Il tuo bianco lino:
Degl'uomin diffida,
Che dan mal cammino.

II

Il manto già pronto stava,
Sol mancava l'adornar:
I fermagli erano stelle,
Ricami spuma del mar!

Fila tu, fanciulla,
Con la linda rocca:
Diffida l'amante
Che ti bacia in bocca.

ZABEL

La notte già s'avanza... mie compagne,
Il lavoro finisce: si fa tardi!

FILATRICI, alzandosi

Dio ti guardi, Zabel!

ZABEL

Vi guardi Iddio!

Apron la porta: balena un lampo.

FILATRICI, indietreggiando

Santa Barbara!...

ZABEL

Ciel!...

FIANDEIRAS, *persignando-se assim como Zabel*
«Magnifica, magnifica!»

ZABEL, *olhando para fora*

Sopra o vento d'além, do Sabugueiro!
A noite vae medonha! — O' Virgem do Espinheiro,
Que o teu manto nos acoite!

As fiandeiras repetem a prece.

ZABEL, *despedindo as*

Boa noite!

FIANDEIRAS, *sahindo*
Santa noite!

Fica a porta entreaberta.

SCENA II

ZABEL, *só*

Noite medonha! Tudo escuro... escuro!
Como pastor do inferno, o vento alastra
Nas campinas do azul o seu rebanho
De nuvens negras. — Assim, no meu futuro
Accumula tristezas o destino.

Por vezes um relampago
Rasga as trevas. Tambem
Um clarão repentino

De esperança na minh'alma sobrevem.
Ó meu Pedro! meu Pedro! accode! Salva-me!
Meu amor! minha estrella! meu só bem!

Abatida.

Castigo meu! — Como Lucifer,
Abandonei, de improviso,
O risonho paraíso
Que me abriste por teu mal.
Pequei! — Minha culpa! Ai misera!
Hei-de expiar o meu crime
N'este inferno em que me opprime
O pulso do teu rival.

Olhando para o fundo e indo á janella.

Ha de chegar em breve; approxima-se a hora!
Inda espreita o luar!
É cedo! Se não vem! — Loucura!

Resoluta.

Vou fiar!

Senta-se: pega na roca.

«Quando os meus olhos te viram,
Meu coração te adorou...»

Voltando-se um pouco.

Parece que ouvi passos... Que loucura!
«Meu coração te adorou»...

Levanta-se e caminha para o fundo.

É o vento a zunir pela espessura
Do canavial! E ao longe a trovoadá
A rolar nos espaços...

Descendo, encostando-se á mesa, em pé.

«Na cadeia dos teus braços
Minh'alma presa ficou!»

Pausa.

FILATRICI, fanno il segno della croce: Zabel pure
Magnificat! .. Magnificat!...

ZABEL, guardando a l'infuori

Mugge il vento laggiù, — dal Sabugueiro!
É notte di tempesta!... Vergine d'Espinheiro!
Deh! ci proteggi tu!...

Le filatrici ripetono la preghiera.

ZABEL, congedandole

La buona notte!...

FILATRICI, sortono

Santa notte!...

La porta resta socchiusa.

SCENA II

ZABEL, sola

Notte tremenda! tutto è oscuro... oscuro...

Come pastor d'Averno, spinge il vento

Su pei campi d'azzurro il negro armento

Di fosche nubi... tal nei dì futuri

Accùmula tristezza il mio destino.

E forse tante tenebre

Rompe un baleno... allor

Un subito baglior

Di speranza, in quest anima rifulge ..

Oh! mio Pedro, mio Pedro: accorri... vien...

Amor mio! vita mia! unico ben!

Abbattuta.

Castigo mio!... — come Lucifero,

Abbandonai d'improvviso

Quel ridente Paradiso,

Che m'appristi, e a te fatal!...

Peccai!... la colpa, ahì misera!

Sola espiar degg'io

Nell inferno, in che il cor mio

Imprigiona il tuo rival!

Guardando al fondo, andando alla finestra.

Deve venir ei già!... avvicinasi l'ora!...

La luna triste appar!...

C'è tempo — se non vien? Follia!...

Risoluta.

Voglio filar!

Siede: coglie la rocca.

«Quando il mio sguardo ti vide

Il mio cuore t'adorò!...»

Voltandosi un poco.

Ma là qualcuno vien!... oh... che follia!...

«Il mio cuore t'adorò!»

S'alza: si dirige al fondo.

E il vento che là geme fra le fronde...

Laggiù... laggiù... terribile procella

Che rugge nello spazio!...

Avanzando, appoggiandosi al tavolo, e in piè.

«E nel laccio del tuo braccio

Quest'alma presa restò!...»

Que sinistros agouros que me inspiram
Os transes em que estou !

Machinalmente.

«Quando os meus olhos te viram,
Meu coração te adorou!»

Pausa.

O Brazil é tão longe... longe... longe...
Alem do mar... sem vel-o...

Resoluta.

Não ! não quero partir !
Deixarei para sempre esse odiento Marcello...

N'um impeto, parte a roca de encontro o joelho e deita-a fóra.

C'o meu Pedro... sósinha... hei-de fugir !

Implorando.

Senhor, nas veias arde-me
Um fogo atroz, Senhor !
Ardôr que só me acalma
O balsamo do amor !

Animando-se.

Ah ! deixa que a minh'alma
Encontre a paz, Senhor !

Durante as ultimas palavras, Pedro entrou. Zabel volta-se para se dirigir ao fundo e cae-lhe nos braços.

ZABEL, com alegria

Ah ! meu Pedro !

SCENA III

ZABEL e PEDRO

PEDRO, dominando-se e afastando Zabel

Não fales ! Se acaso
O passado esqueceste infiel,
Este amor em que ainda me abraço
Fez-me dar um mau passo, Zabel !
Vou-me pois !

ZABEL, supplicante

Ah ! não vás por piedade !
Pois não sentes que amor nos sorri ?
Não percebes que amarga saudade
Me consome e desvaira por ti ?

PEDRO

Mas deixaste-me outr'ora...

ZABEL

Perdôa !

PEDRO

Por Marcello, o mortal inimigo...

ZABEL, ajoelhando

De joelhos te imploro o castigo,
Se punir sabe essa alma que é boa !

PEDRO

Foste ingrata...

Quali sinistre idee l'anima mia
Nel suo dolor provò !...

Macchinalmente.

«Quando il mio sguardo ti vide
Il mio cuore t'adorò !...»
Il Brasile è laggiù... laggiù lontano !...
Ed oltre il mar, non lo vedrò...

Risoluta.

No... no... non partirò !

Con impeto rompe la rocca sul ginocchio e la getta.

Ti lascerò per sempre, abborrito Marcello !
Col Pedro mio, con lui... si fuggirò !...

Implorando.

Signor ! tutto m'incende
Fuoco divorator !...
Fuoco che solo calma
Il balsamo d'amor !...

Animandosi.

Ah ! rendi a questo cor
La pace sua, Signor !...

Alle ultime parole entrò Pedro. Zabel si volta e gli cade in braccio.

ZABEL, con allegria

Ah ! mio Pedro !...

SCENA III

ZABEL e PEDRO

PEDRO, dominandosi ed allontanando Zabel

Deh !... taci... obbliasti
Il passato tu forse ?... infedel !
Quest'amor che in me suscitasti,
Sol mi tragge a vederti... Zabel !
Or ti lascio...

ZABEL, supplichevole

Oh ! no... resta... non sai,
No, l'amore che arde quà in me...
Non comprendi il dolor che mi dai,
E che viver non so senza te !

PEDRO

Ma tu fosti d'un altro !

ZABEL

Perdona...

PEDRO

Di Marcello... nemico mortal !...

ZABEL, inginocchiandosi

Tu sei buono... l'amor mi ridona
E punisci, se il vuoi, tanto mal...

PEDRO

Fosti ingrata...

ZABEL, *levanta-se*

Fui má, fui cruel !
Do dinheiro o demonio tentou-me ;
Prometteu-me o bandido o seu nome...
Oh ! perdôa, meu Pedro !

PEDRO

Zabel !

ZABEL

Meu Pedro, o teu intento
Hontem advinhei-o...

PEDRO

Era forçoso, que um de nós morresse...
Mas 'stavas de permeio...

ZABEL, *com paixão*

Amas-me então ainda ?

PEDRO

Oh ! sim ! adoro-te !

Com tristeza.

Porque duvidas tu d'este amor louco
Que era a minha desgraça... e o meu enleio ?

Aqui no peito alastra-se
Ardente labareda !
Ah ! como um vinho cáldo,
Teu sopro me embebeda !
O teu olhar desvaira-me
De amor succumbo já !

Saudade intensa accresce-me
As ondas do desejo ;
Se outr'ora eras lindissima,
Mais linda hoje te vejo ;
Conforto ás minhas maguas
Tua presença dá !

Olha-me ainda e sempre !
Como iris de bonança
O teu olhar me acalma
E desabrocha a espra'ança
Nos ermos da minh'alma !

Com tristeza.

Oh ! não duvides mais d'este amor louco,
Luz que emana d'est'alma... e te illumina !

ZABEL, *decidida*

Se me queres, escuta ! Dentro em pouco
Esse maldito embarca
E quer levar-me...

PEDRO, *resoluto*

Nunca !

ZABEL

Nunca, digo,
Que eu fugirei contigo.

PEDRO

Fugir ?

ZABEL, *olhando para o fundo*
Fugir, emquanto elle não vem !

ZABEL, *alzandosi*

Malvagia e crudel...

Il demonio dell'or mi tentò...

Farmi sposa, colui mi giurò...

Oh perdona... mio Pedro!...

PEDRO

Zabel!...

ZABEL

Mio Pedro... il tuo intento

Ieri lo sapea...

PEDRO

Uno di noi, lo sai, morir dovea!

Ma stavi fra noi due!...

ZABEL, *con passione*

M'ami tu dunque ancor?...

PEDRO

Oh! si t'adoro!...

Con tristezza.

Perchè, dimmi, non credi a tanto amore,

Che fa la mia sventura, e il mio ideal?

Qui nel mio seno incendesi

Fiamma divoratrice...

Come soave effluvio

Di donna ammaliatrice,

Il guardo tuo m'inebria,

Tutto sarò per te!...

Dolor intenso, affrettami

La ora del disio:

Se bella fosti e angelica,

Più bella ti ved'io...

Conforto alle mie lagrime

Ti vedo innanzi a me!

Mirami sempre e ancora:

Il guardo che inamora

Tutto pènetra l'alma,

Ed apre la speranza

D'invidiata calma! ..

Oh no... non dubitar di tanto amore,

Luce che vien dall'alma e in te risplende!

ZABEL, *decisa*

Se m'ami, ascolta!... In breve il maledetto

Lascia il villaggio nostro...

Con lui mi vuol ..

PEDRO, *risoluto*

Giammai!

ZABEL

Giammai, lo dico...

Io fuggirò con te!...

PEDRO

Fuggir? ..

ZABEL, *guardando al fondo*

Fuggir... prima che venga a noi!

PEDRO, *com energia*

Tu pensas que me importe
O rufião... e o seu furor... e a morte,
Quando te abraço... ó meu supremo bem?

ZABEL

Convida-nos a noite... fugiremos!

PEDRO

Sim : fugiremos!

Vão ao fundo e apontam a janella por onde se vê relampejar. Descem depois enlaçados.

ZABEL

Não te lembras, Pedro,
D'essas noites de amor impetuoso
Em que tu deliravas, nos extremos
Celestiaes do gozo?

PEDRO

Se me lembro! Minh'alma, recordando-se
Parece que do corpo inda se aparta,
Para pairar nos ceus!

ZABEL, *meigamente*

Essa vida... essa morte... quero dar-t'a!

PEDRO

Que promessas de amor nos olhos teus!
Cingindo-a ternamente.

Qual desce o orvalho sobre a flôr
Dos apogeus do paraíso,
No peito meu, anceiando amor,
Balsamo cae do teu sorriso!

Ah! jura, sim! que do teu Pedro
Tu nunca mais te apartarás!
Ao peito meu, de amor sedento
Desça o teu beijo, orvalho lento,
Teu meigo olhar, iris de paz!

ZABEL, *com paixão*

Sim, meu senhor, meu bem, meu tudo,
Eu juro, Pedro, tu serás!
E quanto eu diga é frio, é mudo,
Ao pé do amor que tu me dás!

PEDRO

O labio teu me recompensa
Do mal passado sobre mim!

PEDRO E ZABEL

Alma sombria, á luz da crença
Abre-te emfim! abre-te emfim!

Dão-se um longo beijo.

Voz de MARCELLO ao longe, acompanhada á guitarra

Espumante e bembafejo,
Chega aos labios o licor;
Cada sorvo é como um beijo,
Corre o vinho, brota amor.

ZABEL, *enquanto Marcello canta, aterrada*

Elle!

Desprende-se dos braços de Pedro, vae á porta e espreita.

PEDRO, *con energia*

Tu credi che a me importi
Del villano il furor, nè mille morti...
Quando t'abbraccio, mio supremo bene?...

ZABEL

Invitaci la notte... fuggiremo!...

PEDRO

Si... fuggiremo...

Vanno al fondo, e indicano la finestra da dove si vedono i lampi: avanzano poi abbracciandosi.

ZABEL

Non ricordi, Pedro,
Quelle notti d'amor voluttuose,
Il tuo delirio, le gioie supreme,
Di quei baci l'ardor?...

PEDRO

Se mi ricordo, di quell'ore estreme!
Se mi parve lasciar l'umano frale,
E in ciel morir d'amor!...

ZABEL, *soavemente*

E tal vita e tal morte voglio darti...

PEDRO

Che promessa d'amor negli occhi tuoi!...

Cingendola teneramente.

Come la rugiada sui fior
Discende là dal Paradiso,
Nel seno mio libando amor,
M'inebria il tuo dolce sorriso!

Ah! si mi giura che il tuo Pedro
Giammai non lascerà il tuo cor! ..
Sull'avido labbro rugiada
Discenda il guardo incantator,
Iride seconda d'amor!...

ZABEL, *con passione*

Si lo giurai, l'unico bene
Tu, solo tu sarai per me!...
Tu sei la vita... tu la spene...
Tutto è squallor senza di te!

PEDRO

Il detto tuo dolce compenso
Dei scorsi mali alfin mi diè!...

PEDRO E ZABEL

Alma dolente, a tanto amore
Credi felice, a tanta fè!

Si danno un lungo bacio.

Voce di MARCELLO, dentro, accompagnandosi colla chitarra

E spumante e benedetto
Viene al labbro il buon licor,
Ogni sorso è come un bacio,
Scorre il vino, nasce amor!...

ZABEL, *mentre Marcello canta, atterrita*

Lui! ..

Si scioglie dall'abbraccio di Pedro e va alla porta ad ascoltare.

PEDRO, *dirigindo-se a Zabel*
Marcello!...

ZABEL

Inda vem longe!... Espera...

Escutando junto á porta: fecha-a á chave.

PEDRO

É forçoso partir!

Descem ambos.

ZABEL, *aparte*

Nossa Senhora, acudi-me!
Dae-me alento, ó Deus do ceu!

PEDRO, *com odio*

Ai do vil quê se approxime,
A roubar o bem que é meu!

ZABEL, *correndo á arca*

Não! não! não parto!
Sem levar o meu ouro... que é só meu...
Não sou ladra... é só meu... posso jurar-t'o...
Mettendo na algibeira do avental peças de ouro.

PEDRO

Mas escuta...

ZABEL

O cordão...

Tirando-o da arca e pondo-o ao pescoço.

PEDRO

Socega. Teu

Juro ser para sempre...

Abraça-a.

ZABEL, *entrouxando os objectos que tirou do bahu*
... Sim, meu Pedro!

PEDRO

Não quero que te arrisques, arriscando
Todo o nosso futuro... Adeus...

Querendo sahir.

ZABEL, *deixando tudo e correndo para Pedro,*
oppõe-se a que saia.

Não! fica!

PEDRO

Hei de amanha voltar... e fugiremos.

ZABEL, *n'um impeto*

Não esperes amanha... decida se hoje a sorte.

Descem ambos. Zabel supplicando angustiosa.

É a tua Zabel que te supplica!

Se acaso tu és forte,

Se me tens tanto amor como eu por ti,

Ah! livra-me da morte,

Leva-me hoje d'aqui!

Olhando para o fundo como sentindo passos.

Ail fuge, amor... não tardes!

PEDRO, *dirigendosi a Zabel*
Marcello !...

ZABEL.

È lungi ancor !... m'attendi...

Ascoltando dalla porta, la chiude a chiave.

PEDRO

È duòpo alfin partir !...

S'avanzano entrambi.

ZABEL, *a parte*

Santa Vergine divina,
Mi da forza, da valor !

PEDRO, *con odio*

Ahi ! del vil che s'avvicina
A rubarmi il mio tesor !...

ZABEL, *correndo al baùle*

Nò... nò... non parto !...
Senza prender quest'oro che è ben mio !...
Non è rubato... è mio... posso giurarlo !

Mettendo nelle tasche del grembiale le monete d'oro.

PEDRO

Ascoltami !...

ZABEL.

Il collar !...

Lo sorte dal baùle e se lo mette al collo.

PEDRO

Ti calma.... tuo

Giuro d'esser per sempre...

Abbracciandola.

ZABEL, *tutta occupata a fare un gruppo col fazzoletto*
Si... mio Pedro...

PEDRO

Non voglio, no... per te, nessun periglio,
Che muti l'avvenir ! addio...

Volendo sortir.

ZABEL, *lasciando tutto e correndo verso Pedro,*
si oppone a che sorta

No... resta !

PEDRO

Domani tornerò... poi fuggiremo...

ZABEL, *con impeto*

Non attender domani, decidasi il destino !...

Al proscenio i due : Zabel supplicando con angoscia.

È la tua Zabel che t'implora,

Oh se tanto tu m'ami

Quanto il mio cuore sempre si t'adora,

Deh ! mi togli alla morte,

Deh ! togliermi di quà !...

Mirando al fondo, come se ascoltasse i passi di Marcello.

Ah ! va... senza ritardo...

PEDRO, *abrindo uma navalha*
Fugir? não me acovardes!

Zabel *quer segurar-o.*

Oh! deixa-me, mulher!

Com energia.

Contra o rival a súplica
Meu braço não desarme;
O infame ha de pagar-me
O mal que te fizer!

Caminha para a porta.

ZABEL, *corre a collocar-se defronte da porta*
e impede-o de sahir.

Suspende! desgraçado!...

Chega-se a Pedro com tristeza e amor.

A mim te deu meu fado!
Não podes tu morrer!

Agitada.

Vae-te, vae-te... ,

PEDRO

Mas como?

ZABEL, *indicando a direita*
Pela janella, sim, meu Pedro!

PEDRO

Irei!

Mas tu ..

ZABEL.

De madrugada
Junto á fonte estarei.

Correndo para a janella abrindo-a e olhando.

Como vae grande a levada!
Jesus! que enorme altura!

MARCELLO, *fôra*
«Chega aos lábios...

Batendo á porta.

Estás surda, Zabel?

ZABEL, *afflicta e caminhando para a porta*
Deus! como eu tremo!

A Pedro.

Vae-te depressa!

Não desamparando a porta e desejando que Pedro
se vá pela janella.

PEDRO

Adeus, meu doce amor
Um derradeiro beijo!

ZABEL, *desce a unir-se a Pedro*
Adeus meu bem suprêmo!

Dão se um longo beijo: Pedro toma a manta e o
chapeu que estavam por terra e encaminha-se para a ja-
nella. Galga o peitoril e precipita-se no espaço. Grande
relampago e trovão. Ouve-se um grito.

PEDRO, *aprendo un coltello*

Fuggir?... non son codardo...

Zabel vuol ritenerlo.

Su... lasciami... Zabel!...

Energico.

Il braccio mio, t'en supplico,

Zabel, non disarmar!

Colui dovrà soccombere!

Mi voglio vendicar...

Andando verso la porta.

ZABEL, *corre a collocarsi diinnanzi alla porta
e impedisce che salga*

Indietro... sciagurato...

A Pedro, avvicinandosi con tristezza ed amor.

A me ti dava il fato...

Non devi tu morir!...

Vanne... vanne...

Agitata.

PEDRO

E come?...

ZABEL, *indicando alla diritta*

Da quel verone... Pedro mio... sì!...

PEDRO

Andrò!...

Ma tu...

ZABEL

Di buon mattino

Alla fonte starò...

Correndo al verone, aprendolo e guardando fuori.

Come ingrossa il torrente!

Gesù... che enorme piena!

MARCELLO, *dentro*

«Vien al labbro...»

Battendo alla porta.

Ma sei sorda, Zabel!

ZABEL, *afflita, camminando verso la porta*

Dio!... come tremo!...

A Pedro.

Vanne... t'affretta!

Non lasciando la porta e volendo che Pedro se ne vada per la finestra.

PEDRO

Addio... mio dolce amor!

L'ultimo bacio ancor!...

ZABEL, *si unisce a Pedro*

Addio... mio ben supremo!...

Si danno un lungo bacio: Pedro prende il mantello ed il capello che stavano in terra e si dirige al balcone: monta e precipitarsi nello spazio. Grande lampo e tuono. Si sente un grido.

ZABEL, *correndo á janella*
Um grito ouvi! que horror!

Recua aterrorisada, levando as mãos aos olhos, e encosta-se á hobreira da janella.

Marcello, depois de varios empuxões á porta, arromba-a e entra em scena bebado, furioso e rude, empunhando uma guitarra.

SCENA IV

ZABEL e MARCELLO

MARCELLO

Raios partam a porta, mal'a moça!

Procurando.

Zabel! onde é que estás!

Vendo-a.

Junto á janella!

Approximando-se.

Caspité! Como estás bella!

Com modo affavel.

Anda cá! meu beijo apraz-te?

Zabel evita Marcello e dirige-se para junto da mesa. Marcello repara no collar.

Por minha causa te enfeitaste!

Apontando para a janella.

Incita aos gozos uma noite,

Como a que vês.

A trovoadá é rude açoite

Da embriaguez!

Mudando de tom.

Ah! dá-me vinho e dos teus braços

Dá-me o calor!

ZABEL, *á parte*

Seu grito, ai! Deus! rasgou minh'alma!

Que horrivel dôr!

MARCELLO, *com impeto brutal e perseguindo-a*

Quero um beijo, ó bella dama!

ZABEL, *repellindo-o*

Bebado vil!... dos teus abraços

Já tenho horror!

Á parte.

Virgem santa! a morte dá-m'a

Por salvar quem me adorou!

MARCELLO

Quero um beijo, ó bella dama!

Com presumpção.

Como um cacho inda não estou...

ZABEL, *com odio*

Vae-te!... foge! tem cautella...

Procurando uma faca em cima da mesa.

ZABEL, *correndo al verone*

Un grido udii... che orror!...

Indietreggia atterrita, coprendosi il viso, e s'appoggia sul davanzale della finestra.

Marcello, dopo varii colpi, getta giù la porta ed entra ubbriaco, furioso e rude, impugnando una chitarra.

SCENA IV

ZABEL e MARCELLO

MARCELLO

O maledetta porta... alfin entrai...

Cercando.

Zabel! dove sei tu?

Vedendola.

Presso al verone!...

Avvicinandosi.

Diàmine! .. come sei bella!

Con modi affabili.

Vieni quà! ti piace un bacio?

Zabel evitando Marcello, si dirige presso al tavolo. Marcello osserva il collare.

Così per me t'adornasti? ..

Indicando la finestra.

Notte propizia sei d'ebbrezza,

Chiami il piacer!

Lasciar conviene l'ubbriachezza

Dentro il bicchier!...

Cambiando tono.

Su, dammi vino e del tuo abbraccio

Dammi il calor!

ZABEL, *a parte*

Quel grido ahimè, squarciomi l'anima,

Oh qual dolor!...

MARCELLO, *con impeto brutale e perseguedola*

Voglio un bacio, gentil dama...

ZABEL, *respingendolo*

Ubbriaco vil... dei tuoi amplessi

Già sento orror!...

Aparte.

Vergin santa... fammi morir,

Per salvar chi m'adorò!...

MARCELLO

Voglio un bacio, bella dama...

Con presunzione.

Non son briaco... no, no ancor!...

ZABEL, *con odio*

Vanne... fuggi... guai a te...

Cerca sul tavolo un coltello.

MARCELLO, *sarcastico*

Não receio, ó minha bella !

Rindo. Tentando abraçar-a.

Nunca a morte me assustou,
Morra o homem... fique a fama !

Segurando Zabel.

ZABEL, *querendo desembaraçar-se de Marcello, áparte*
Eia ! além Pedro me chama !

Zabel consegue desprender-se dos braços de Marcello e repellindo-o com força faz com que elle caia sentado sobre a cadeira junto á meza ; depois Zabel sahe correndo em busca de Pedro.

MARCELLO, *dando um murro sobre a mesa, rindo*
Dá-me vinho... ah ! ah ! ah !

CAE O PANNO RAPIDAMENTE



MARCELLO, *sarcastico*

Non ti temo... viene a me...

Ridendo, volendo abbracciarla.

Non ho tema della morte,

Muore l'uom... resta la fama!...

Retinendola.

ZABEL, *volendo sbarazzarsene, a parte*

Via... che Pedro... là mi chiama! . .

Zabel consegue svincolarsi da Marcello, e spingendolo con forza, lo fa cadere seduto sulla sedia: dopo sorte Zabel cercando Pedro.

MARCELLO, *dando un pugno sul tavolo, ridendo*

Dammi vino... vino... ah! ah!

CALA RAPIDAMENTE LA TELA





INTERMEZZO SYMPHONICO

A tempestade rugir: gemem os troncos das arvores fustigadas pela ventania. Os trovões ribombam e perdem-se pelo espaço. A levada engrossa com a chuva torrencial. Um relampago immenso alaga de esplendor os horizontes. Avista-se Pedro junto á janella: dá o derradeiro beijo a Zabel: precipita-se no espaço. Na queda, bate n'uma rocha que o fêre mortalmente. A torrente arrasta-o. Luctando contra a morte, tenta segurar-se ás musgosas pedras e ás raizes das arvores que mergulham na agua.

Esvae-se-lhe a vida com o sangue que jorra sem cessar das chagas hiantes. O seu pensamento volve para Zabel, recordando saudosamente o momento suave em que lhe pedia o juramento de jámais o deixar, porém as forças faltam-lhe de todo e a vida extingue-se-lhe emfim.

O seu corpo é arrastado á mercê da torrente que se vae despenhando pela serra, seguindo as sinuosidades do terreno, até que finalmente, de madrugada, é detido por um grande penhasco.

Nabor, achando-se ali perto, reconhece o corpo mutilado do infeliz Pedro.

Recolhe-o e enterra-o junto de uma gruta proximo d'esse penhasco.

Sobre a sua sepultura levanta uma cruz tosca de madeira, e o seu pensamento procura a causa da morte d'aquelle cujo tragico fim elle deplora!





INTERMEZZO ALL'ORCHESTRA

Stride la tempesta: gemono i tronchi scossi dall'uragano: i tuoni rimbombano e si perdono nello spazio: la piena ingrossa colla pioggia a torrente: un lampo immenso inonda di fulgore l'orizzonte. Si vede Pedro presso alla finestra: da l'ultimo bacio a Zabel: precipita nello spazzio. Nella caduta, batte in una roccia e si ferisce mortalmente. Il torrente lo trascina.

Lottando con la morte, tenta aggrapparsi ai massi sporgenti ed alle radici degli alberi bagnati dalle acque.

Fugge la vitta dalle aperte ferite: il suo ultimo spiro è per Zabel ricordando il momento soave del fatto giuramento di non abbandonarlo mai, pero già gli mancano le forze ed esala l'ultimo anelito.

Il suo corpo è travolto dal torrente che precipita dai culmini, seguendo dopo le sinuosità scabrose del suo corso, ed è alfine rattenuto da un gran masso.

Nabor, trovandosi vicino, riconosce il corpo mutilato di Pedro.

Lo raccoglie e gli da sepultura presso ad una grotta vicina.

Pianta una croce tosca di legno, ed il suo pensiero cerca di saper la cagione di tanta catastrofe, che tanto deplora!





ACTO III

A cortina de nevoa, que encobre a scena durante a execução do intermezzo, é varrida pelo vento, deixando ver um sitio alpestre, á tarde. Ao fundo, os cumes das serras cobertos de neve. Torrente á esquerda. Junto d'ella, perto de uma gruta, uma cruz tosca de madeira. Á direita, armadilha ás aguias.

SCENA I

NABOR deitado; os PASTORES, armando ás aguias

CORO DE PASTORES

Agua que em vô rapido
Cortas o espaço,
Do ceu azul despenha-te
Sobre o meu laço.

1.º PASTOR

Caluda !

Os OUTROS

Silencio !

1.º PASTOR

Nas fragas da serra
Uma aguiá que berra — parece que ouvi.

Os OUTROS

Engano !...

1.º PASTOR

Quem dera que fosse o anafado
Casal que ao morgado — levar prometti !

Todos

Agua que em vô rapido
Cortas o espaço,
Do ceu azul despenha-te
Sobre o meu laço.

1.º PASTOR

Pedi-me elle ha dias...

Os OUTROS

O que ?



ATTO TERZO

Il velo di nebbia, che nascondeva la scena mentre si eseguisce l'intermezzo, è scacciato dal vento e si vede un luogo alpestre. Nel fondo i culmini dei monti coperti di neve. Torrente a sinistra: vicino ad una grotta, una croce di legno: a diritta lacci per le aquile. Verso sera.

SCENA I

NABOR, sdraiato: PASTORI preparando le trame o reti per le aquile

CORO DI PASTORI

Aquila, vola rapida,
Lo spazio fendi!
Dal cielo azzur precipita,
Sul laccio scendi!

PRIMO PASTORE

Tacete!...

ALTRI

Silenzio!...

PRIMO PASTORE

Lassù dal suo nido
D'un aquila credo lo strido ascoltar!...

ALTRI

T'inganni!...

PRIMO PASTORE

Se fosse la coppia migliore,
Che al nostro signore — promisi portar!

TUTTI

Aquila, vola rapida,
Lo spazio fendi!
Dal cielo azzur precipita,
Sul laccio scendi!...

PRIMO PASTORE

Ei mi chiedeva...

ALTRI

Che?...

1.º PASTOR

Um par de aguias.

Das grandes...

OS OUTROS

Pois pague-as — por justo valor.

Os ricos é justo repartam p'los pobres

Uns miseros cobres. — Que diz, ti'Nabor ?

NABOR, *enfasiado*

Sim, sim, mas deixae-me !

Todos, *acercando-se de Nabor*

Que triste motivo

O traz pensativo — de ha dias p'ra cá ?

1.º PASTOR

Ao pé d'essa cova, morada do Pedro,

Parece-me um cedro — que eterno ali está !

NABOR, *levantando-se*

Rapazes, perdoae-me ! Attrae a campá os tristes

Para quem acabou a mocidade.

Sabereis, ao chegar á idade em que me vistes,

Que se afoga a esperança na saudade.

Olhando para a cruz.

Pobre Pedro ! encontrei seu corpo lacerado,

Que a torrente arrastou de cachapuz ;

Abri-lhe a cova aqui ; por mim foi sepultado,

E ergui-lhe sobre a cova humilde cruz.

Como despertando de um pensamento que o persegue e interrogando os pastores.

Como foi o desastre ? Ouvistes vós dizel-o,

Rapazes ?

TODOS

Não o sabe ainda ninguém !

ALGUNS

Talvez os da Malhada...

OUTROS

Acaso foi Marcello ..

NABOR

Que Deus tenha a sua alma em gloria !

TODOS

Amen !

NABOR, *afastando tristes pensamentos*

Porém tomem tento : nenhum se distraia :

Que ha sempre atalaya — do bando feroz.

Todos escutam com muita attenção.

Caluda ! socego ! que a rude vigia

N'um prompto as faria — fugir da pióz.

TODOS, *baixo*

Não tenha cuidado, que estamos bem quedos,

E a estes fraguados — então quem virá ?

AS VIGIAS

Sentido !

PRIMO PASTORE

Un paio d'aquile,
E grandi...

ALTRI

Le paghi... al giusto valor!
Convien che il ricco al miser conceda
La giusta mercede... che dici, Nabor?

NABOR, *annoiato*

Si... si... mi lasciate...

TUTTI, *avvicinandosi a Nabor*

Che triste cagione
Il fa pensieroso... che diavolo avrà?

PRIMO PASTORE

Al piè della fossa, dimora di Pedro,
Un cedro somiglia, immobile ei stà!...

NABOR, *alzandosi*

Amici, ahimè, la bara evoca idee funeste
A chi, vecchio, perde la gioventù!...
E saprete, all'aver l'età che mi vedeste,
Che la speranza non ritorna più!...

Guardando la croce.

Miser Pedro l'incontrai il corpo lacerato
Che la piena trascina, su per giù...
Aprii una fossa qui: da me fu sotterrato...
Una croce vi posi... Dio l'accoglia lassù!...

*Preoccupato da una idea fissa che lo persegue e do
mandando ai pastori.*

E come fu il disastro? non lo sapete voi,
Pastori?...

TUTTI

Non lo sa nessuno ancor!

ALCUNI

Forse quei di Malhada!

ALTRI

Forse Marcello poi.

NABOR

Che l'abbia il cielo in gloria!

TUTTI

Ed il Signor!...

NABOR, *scacciando tristi pensieri*

Attenti... su via... all'erta si stia...
Che un'aquila in guardia sapete là star!

Tutti ascoltano con attenzione.

Tacete... silenzio... che farle potria
Un semplice grido dal laccio scampar!

TUTTI, *sotto voce*

Non c'è da temere... stiam cheti... vedete
Su queste alte cime... ben presto staran...

LE VEDETTE

In guardia...

OS OUTROS

Caluda !

NABOR

Rapazes, de leve !

NABOR E CÔRO, *com muito interesse indicando silencio*

Escondam-se breve — que as aguias vem já.

*Escondem-se os pastores nas penedias.*NABOR, *pensativo, á bocca da scena*

Sobre esta humilde cova, absorto em duvidas,

Paira o meu pensamento.

Podesseis arrancar-lhe, ó minhas lagrimas,

O segredo cruento !

Talvez assassinado... ai ! pobre moço !

E sobre o teu coval

Apenas cahirá o Padre-Nosso

Do velho maioral !

Resando.

Ah ! Padre Nosso que estás nos ceus,

Santificado seja o teu nome !

Venha o teu reino aos filhos teus,

Tua vontade seja feita,

Assim na terra, como nos ceus.

Dá-nos o pão de cada dia

Senhor, perdoa as nossas dividas,

Como as alheias perdoamos.

Das tentações, Senhor, nos guarda.

De todo o mal nos livra. Amen.

*Ouve-se um silvo agudo.*PASTORES, *reapparecendo*

Voaram, fugiram ! Por Deus ! que seria ?

1.º PASTOR

Signal a vigia — fez logo ao tropel.

Espreitando.

Alguem se approxima...

TODOS

Que leve o diabo

Quem veio dar cabo — da caca...

NABOR E OS PASTORES, *vendo Zabel surgir desgrenhada
sobre os penedos ao fundo*

A Zabel !...

SCENA II

Os mesmos e ZABEL

NABOR

Eh ! cachopa ! vê se caes !

 Aos pastores.

Acudi-lhe sem demora !

PASTORES, *recuando*

Cruzes ! demo ! yae-te embora !

ALTRI

Silenzio...

NABOR

... Garzoni... tacete!

NABOR E CORO, *con molto interesse indicando silenzio*

Nascosti qui state, che l'aquile van!...

*S'ascondono i pastori fra i dirupi.*NABOR, *pensativo al proscenio*

In questa fossa umil, assorto in lagrime,

Riposa il mio pensiero...

Potesse alfin quest'alma tutto conoscere

L'orribile mistero...

E l'uccisero forse!... ahi disgraziato...

Sulla tua tomba ancor,

Giungerà un Padre nostro recitato

Dal vecchio tuo pastor!...

Pregando.

Ah! Padre nostro, che stai nei cieli,

Santificato sia il nome tuo:

Pei figlii tuoi venga il tuo regno

E poi sia fatto il tuo volere...

Così quà in terra, come nei cieli...

Ci dà il pan nostro quotidiano:

Signor, perdona i nostri debiti,

Come li altrui noi perdoniamo...

Ci guarda dalle tentazioni,

Ci libera dal mal, amen!

*S'ode un acuto fischio.*PASTORI, *ritornando*

Volàron... fuggiron... ehben che passò?...

PRIMO PASTORE

La scaltra in agguato... le altre avvisò...

Osservando.

Ma chi s'avvicina?

TUTTI

Il diavol confonda

Chi venne la caccia a turbar...

NABOR e PASTORI, *vedendo Zabel scapigliata sui dirupi del fondo*

É Zabel!...

SCENA II

I stessi e ZABEL

NABOR

Eh! ragazza... non cadêre!...

Ai pastori

Aiutatela... suvvia!...

PASTORI, *indietreggiando*

Croce... dèmon!... madre mia!...

NABOR

Ah ! cobardes ! que a deixaes !
Eu lá vou ! que a triste agora
Por um triz desfalleceu.

Trepando pelos penedos.

PASTORES, *olhando receiosos para Zabel*
O diabo, negro bode,
Paga mal a quem lhe acode !

NABOR, *junto de Zabel*

Pára ! espera ! olha ! sou eu !

Dá-lhe a mão.

A Nabor não reconheces ?
Pobresinha, anda sem medo ;

Dirige-se com ella sobre os penedos, para a bocca da scena.

Põe os pés n'esse rochedo...
Vamos, vamos !... Salva estás !

Descem ambos a scena. Aos pastores, severo.

E não tendes pois vergonha
D'essa duvida cobarde ?

Com doçura.

Recolhei vos, é já tarde !
Meus amigos, ide em paz !

Os pastores consultam-se e obedecem.

PASTORES, *assobiando como chamando os cães para juntar
o gado que anda pastando*

Eh-lá ! Eh-lá !...
O sol já desce n'aquelle outeiro !
O meu rebanho, corre veloz !
Toma cuidado, meu bom rafeiro,
Se nos espreita lobo feroz !
Eh-lá ! Eh-lá !...

Sahem. Ouve-se o tilintar das campainhas dos rebanhos.

SCENA III

ZABEL e NABOR

NABOR, *vendo que Zabel procura qualquer cousa na torrente*
Que procuras, cachopa ?

ZABEL, *desvairada*

No seu leito

De rochas, fundo, estreito,
Emballado nos cantos da torrente...
Nos turvos cantos da torrente enorme...
Eil-o que dorme,
Que dorme docemente...

NABOR

De quem fallas ?

ZABEL, *escutando e alegremente*

É festa ao santo padroeiro,
O arraial é de encantar...

Escutando e sorrindo.

«Eu conheço quem primeiro
Te colheu, sem se arranhar.»

NABOR

Ah codardi!... non volete!...
 lo v'andrò... che l'infelice
 Ah! per poco non s'uccide!...

Saltando per le roccie.

PASTORI, *guardando Zabel con prevenzione*
 Il diavol è un ingrato,
 Paga mal a chi lo serve!...

NABOR, *a lato di Zabel*

Alto... attendi... quà son io...

Le da la mano.

Son Nabor... non mi ravvisi?...
 Infelice... non temer!

Vien con lei fra le roccie, al proscenio.

Posa il piè su quella pietra...
 Su... coraggio... salva sei...

Discendono alla scena. Ai pastori, severo.

Non avete voi vergogna
 D'esser poi così codardi?...

Con dolcezza.

Bene andate... che già è tardi...
 Ritornate... pace a voi!...

I pastori parlano fra loro ed ubbidiscono.

PASTORI, *fischiano, chiamando i cani per riunire
 gli armenti che stano pascendo*

Eh là... Eh là!...
 Già cade il sole dall'erta cima
 Ed il mio armento corre veloce...
 E tu stà attento, cane fedele,
 Se per quà vien'lupo crudel!
 Eh là... Eh là...

Sortono: sentesi il tintinnio delle greggi.

SCENA III

ZABEL e NABOR

NABOR, *vedendo Zabel che sta cercando nel torrente*
 Che mai cerchi, fanciulla?

ZABEL, *demente*

Là nel letto
 Del rio profondo e stretto,
 Trascinato dai sassi del torrente,
 Nel curvo seno della piena enorme,
 Eccolo dorme,
 Ei dorme dolcemente!

NABOR

Di chi parli?

ZABEL, *ascoltando allegrement*

È la festa del santo protettore,
 Il villaggio è così bel...

Ascoltando e sorridendo.

«Io conosco chi primiero
 Ti coglièa senza dolor!...»

Vivamente.

Escutem, raparigas !
Um bravo ao cantador !

Interrompendo colerica.

«Não quero mais cantigas !»

Sorrindo meigamente.

Eil-o que dorme.
Que dorme docemente...

NABOR, *chegando-a a si*
Ai ! pobre cachopa !

ZABEL, *desembaraçando-se de Nabor*
O bando que chega !
Tremenda refrega !

Atemorisada.

Por mim, por mim só !
Suspendam, piedade ! Marcello, recua !
Bem vês, eu sou tua !

NABOR, *com tristeza*
Mesquinha, faz dó !

ZABEL, *dirigindo se a Nabor como se fosse Pedro*
Menti-lhe, meu Pedro ! Não parto, não parto !
De ti não me aparto, -- que te amo a ti só !

Tomando-lhe a mão e com mysterio.

A noite, em casa, espero-te...
Não faltes, ó meu bem !
Longe, bem longe leva-me !
Nos braços me sustem !

Largando-lhe a mão e rindo abstracta.

Cantadeira, cantadeira,
Borda em notas este amor.
Que a tua voz feiticeira,
No seu peito afogue a dôr.
Da ventura espreita o alvor,
Cantadeira, cantadeira !

NABOR

Amava-o, julgo ;
Bem diz o vulgo, bem diz o vulgo :
Nem luar como em janeiro,
Nem amor como o primeiro.

Ouve-se ao longe o côro dos pastores.

CORO

O sol já desce n'aquelle outeiro.
O meu rebanho, corre veloz !

ZABEL, *olha para o fundo como espreitando, depois
chega-se a Nabor com certo mysterio*

Folga em catraias o bandoleiro.

Inclina a cabeça sobre o hombro de Nabor e chora.

Um beijo, Pedro ! que estamos sós !

NABOR

Amor não lavra como o primeiro,
Reza o ditado, divina voz !

Vivamente.

Ascoltin le fauciulle,
Un bravo al buon cantor !

Interrompendo collerica.

«Non voglio più stornelli»

Sorridendo soavemente.

«Eccolo dorme ...
Ei dorme dolcemente ...

NABOR, *attraendola*

Ah ! triste Zabel ! ...

ZABEL, *lasciandolo vivamente*

La gente che viene ! ...

Che rissa tremenda !

Con terrore.

Per me... per me sol...

Indietro... pietà... Marcello... Marcello...

Lo vedi... son tua...

NABOR, *con tristezza*

Che pianto... che duol ! ...

ZABEL, *dirigendosi a Nabor come se fosse Pedro*

Mentiva, mio Pedro... non parto... non parto...

Io no, non ti lascio... a te tutto il cor ! ...

Prendendogli la mano con mistero,

A notte in casa attendoti...

Pedro, non mancherai...

Lungi, ben lungi, involami...

Col braccio mi sostien !

Abbandonandogli la mano e sorridendo astratta.

Cantatrice, cantatrice,

Canta in note quest'amor ! ...

La tua voce incantatrice

Chiami i dì felici ancor !

Allontana il rio dolor...

Cantatrice ! ... cantatrice ! ...

NABOR

L'amava... credo...

Ben dice il vulgo, sempre sincero,

Di Gennaio luna piena,

E l'amor come il primiero.

Lontano il coro dei pastori.

PASTORI, *dentro*

Già cade il sole dall'erta cima,

Ed il mio armento corre veloce...

ZABEL, *guardando verso il fondo come osservando
ed avvicinandosi a Nabor con certo mistero*

Ride il bandito, ubbriaco in vero...

Zabel inclina il capo appoggiata a Nabor e piange.

Un bacio, Pedro... che soli siam !

NABOR

Non c'è altro amore come il primiero,

Ben dice il vulgo, noi l'approviam !

Com ternura.

Repousa nos meus braços, pobre louca !
Mas não creias que d'esta velha boca
A palavra que esperas surgirá.

Zabel despertando, afasta-se de Nabor e olha vagamente, como se sorrisse para Pedro.

ZABEL

Meu Pedro ! nos teus olhos
A minha vida está !

No abraço teu dilue-me
Esta ancia que me alaga !
Meu bem ! contra os teus labios
Os labios meus esmaga !
E a minha carne soffrega
Teus beijos sorverá !

Como a nortada sobre a serra
Varre os bulções do temporal,
O teu amor de mim desterra,
Pedro ! ó meu Pedro ! a dôr mortal !

NABOR, *lastimando-a*

Das sombras d'esse espirito
A luz ao meu já vem !
Inspira-lhe a demencia
A perda do seu bem !

ZABEL, *alegre*

Sou borboleta que adejo
Na chamma do teu olhar...

De repente parece-lhe ouvir a voz de Marcello.

«Cada sorvo é como um beijo...»
Não se acaba o meu penar.

Aterrada, como se fallasse a Pedro.

O bandido que volta ! Ah ! como eu tremo !

Nabor segue com o maximo interesse esta scena.

Foge ! que um beijo teu me reconforte !
A que risco te expões, meu bem supremo !
A tempestade... o abysmo negro... a morte...

Zabel, caminhando para o fundo, avista Marcello que do alto de um penedo lhe apparece como um phantasma. Nabor e Zabel, vendo-o, soltam um grito de terror: Marcello, de clavina em punho, desce precipitadamente, apenas vê Zabel.

SCENA IV

Os mesmos e MARCELLO

MARCELLO, *um pouco ao fundo*

Ladra e perjura ! Emfim
Vaes dar-me estreitas contas
Do roubo e das affrontas
Que me fizeste a mim !

Vae a apontar a clavina. Nabor interpõe-se.

NABOR

Não vês, Marcello, a misera
Como está louca assim ?

Con affeto.

Demente ! sul mio braccio ti riposa...
Ma non credi che l'anima pietosa
La parola che attendi voglia dir !...

Zabel si desta, allontanasi da Nabor e mira vagamente come se sorrisse a Pedro.

ZABEL.

Mio Pedro, sul tuo sguardo
La vita stà... il sentir !...

In seno a te, deh ! calma
Quest'ansia senza posa...
Mio ben !... il labbro tremulo
Sul labbro mio deh ! posa,
E l'alma tutta inèbriami,
Con te d'amor morir !...

Come lassù nei monti, il vento
Scaccia i negri nubi in furor,
Così il tuo amor scacciar io sento,
Pedro, ogni mio mortal dolor !. .

NABOR, *con compassione*

Dal pianto di quest'anima
La luce a me già vièn !...
E a follia precipita
La morte del suo ben !...

ZABEL, *con allegria*

Son la farfalla che vola
Del tuo sguardo al fulgor. .

Ad un tratto gli pare udir la voce di Marcello.

«Ogni sorso è come un bacio»
Non finisce il mio dolor !...

Come se parlasse a Pedro.

Il bandito ritorna... oh come tremo !

Nabor osservando con la più grande attenzione.

Fuggi ! un tuo bacio mi farà più forte !...
Che periglio per te, mio ben supremo !...
La tempesta !... l'abisso negro... e... morte !...

Zabel, incamminandosi verso il fondo, vede Marcello che dall'alto d'un masso gli appare come un fantasma. Nabor e Zabel, vedendolo, danno un grido di terrore. Marcello col fucile in guardia, scende precipitosamente appena vede Zabel.

SCENA IV

I stessi e MARCELLO

MARCELLO, *un poco al fondo*

Ladra e spergiura a me !...
Mi renderai tu conto
Dell'oro e dell'affronto,
Femmina senza fè !...

Appuntando il fucile. Nabor s'interpone.

NABOR

Non vedi che la misera
Il senno ahimè perdè ?...

MARCELLO

Doida ? Embora, Nabor, atraçoou-me !
 Em cata do seu chefe, o torpe bando
 De Alfatêma . . . ó vergonha do meu nome !
 Junto de minha casa ia chegando.
 Por culpa d'ella, d'ella, entendes, velho ?
 Mas vingou-me o destino !
 Só resta do mofino
 Uma pedra tingida de vermelho,
 Que o corpo foi levado na corrente,
 Bom pasto para o dente
 Do sanguinario lobo.

ZABEL, *voltando a si*

Ah ! meu Pedro ! matou-te o meu amor !

NABOR, *a Marcello*

Amerceia-te, em nome do Senhor !

MARCELLO, *a Nabor*

Mas não sabes que a infame fez um roubo !
 Ignoras quanto é justo o meu rancor !
 A lama em que nada
 Essa alma infiel
 Jorrou-me em golfada
 No peito cruel.

Mas é forte o vinculo
 De amor que não finda :
 Ardente saudade
 Me acode em tropel !

A Zabel.

Se me amas ainda,

Zabel recua com desprezo.

Perdão, Zabel !

NABOR, *a Marcello*

Que Deus persuada
 Tua alma cruel !
 Perdôa á coitada,
 Lamenta a Zabel !

ZABEL, *que recuperou a razão, á parte*

Ó tu, morte ! arranca-me
 Do horror que não finda,
 Sê tu, sê bem vinda,
 Amiga fiel !

Marcello ancioso aguarda a resposta de Zabel.

NABOR, *implorando a misericórdia divina*

Ah ! Padre Nosso que estás nos ceus,
 Santificado seja o teu nome . . .

Marcello escuta Nabor.

MARCELLO, *a Nabor*

O teu lamento, vês ? desarmou-me !
 Nos teus desejos cifram-se os meus !

A Zabel.

Ouro, amor, vida, são teus, são teus !

MARCELLO

Folle!... sia pur... Nabor... e mi tradia!
 Cercando il duce suo, la turba ria
 D'Alfatema, lo sai... vergogna mia!
 E presso al casolar, di già venia...
 Per colpa sua... comprendi tu il periglio?
 Mi vendicò il destino...
 Sol resta del meschino
 Una pietra bagnata di vermiglio...
 Il corpo fu travolto dal torrente,
 Buon pasto per il dente
 D'un insaziabil lupo!

ZABEL, ritornando in se

Ah! mio Pedro, t'uccise il mio amor!

NABOR, a Marcello

Abbi pietà nel nome del Signor!...

MARCELLO, a Nabor

Ma non sai che l'infame mi rubava!...
 Ignori quanto è giusto il mio rancor!...
 Il limo che oscura
 Quest'alma infedel,
 È dura sventura
 Al cuore fedel!...

Ma è forte quel vincolo
 Che lega il cor mio...
 Ardente desio
 Accendemi, o ciel!

A Zabel.

Se m'ami tu ancora,

Zabel indietreggia con disprezzo.

Perdono, Zabel!...

NABOR

Ispira, tu Iddio,
 Quest'alma crudel!...
 Non paghi nò il fio...

A Marcello.

Perdona a Zabel!...

ZABEL, che ricuperò la ragione. A parte

Oh morte, tu involami,
 Orrore senza fine!...
 Se tu vieni alfine,
 Amica fedel!...

Marcello ansioso attende la risposta di Zabel.

NABOR, implorando la misericordia divina

Oh! Padre nostro, che stai nei cieli,
 Santificato sia il nome tuo...

Marcello ascolta Nabor.

MARCELLO, a Nabor

Il tuo lamento m'ha disarmato...
 Il tuo desio io seguirò...

A Zabel.

Oro, amor, vita... credi ti darò...

ZABEL, fitando Marcello com olhar de odio

Ah! malvado! o teu ouro rejeito...
Eil-o aqui! sorve-o embora, carrasco!

Desprendendo o cordão que tem ao pescoço e deitando o aos pés de Marcello.

Teu amor... não o quero! No peito
Um só tive... que a ti... tenho-te asco!

Marcello quer precipitar-se sobre Zabel.

MARCELLO, a Zabel

Miseravel!...

NABOR *interpõe-se, mas Marcello afasta-o violentamente*
Marcello!...

Marcello procura apontar para Zabel, mas, como Nabor a protege com o seu corpo, Marcello desvia o velho com violencia, e é n'esse momento que aponta a clavinha sobre Zabel e desfecha.

ZABEL, ferida, vacillando e levando a mão ao peito.

É a morte!

Nabor corre a recebel-a nos braços. Marcello vendo Zabel ferida, deixa cair a clavinha e fica abstracto. Zabel prosegue em voz fraca:

Ao destino fatal não fugi!
É bemvindo... contra elle sou forte...
Só me peza... que não me conforte,
Ó meu Pedro! o morrer... junto a ti...

Ouvindo o nome de Pedro, os olhos de Marcello lampejam de odio.

NABOR

Se tal ventura
Te dá conforto,
O corpo aqui veio parar...

Marcello escuta avidamente Nabor.

E ao pobre morto
Dei sepultura
N'este logar.

ZABEL, *recobrando as forças*

Aqui?

NABOR, *apontando*
Sob essa cruz.

ZABEL, *vacillando e querendo approximar-se da gruta*

Ó velho, ampara-me!

Vendo a cruz, manifesta immensa alegria. Marcello volta a cabeça e afasta-se um pouco para a direita.

Vamos! não sejas lento!
N'essa terra... que encobre o seu cadaver...
Quero gastar... o derradeiro alento...

Sustida por Nabor, encaminha-se a passos vacillantes para a cruz.

MARCELLO, *contemplando-a com desespero*

Tudo findou no sangue...
Ciumes infernaes!

EL, fissando Marcello con odio supremo

Ah! malvagio: il tuo oro disprezzo...
Eccolo... quà... riprendilo, bandito...

Gettando il collare ai piè di Marcello con supremo disprezzo.

Il tuo amor non lo voglio... nel cuore
Ebbi un solo... ti sprezzo... t'abborro!

Marcello vuol precipitarsi su Zabel.

MARCELLO, a Zabel

Miserabil!...

NABOR, interviene, ma Marcello lo respinge con violenza

Marcello!...

Marcello vuol appuntar il fucile su Zabel, ma come Nabor la protegge col suo corpo, lo spinge violentamente ed in questo istante spara.

ZABEL, vacillante, le mani al petto

È la morte!...

Nabor la riceve nelle sue braccia. Marcello, vedendo Zabel ferita a morte, lascia cadere il fucile e rimane assorto. Zabel continua con voce morente:

Il destino non posso fuggir!...
Venga ei pur... contra lui sono forte...
Sol mi resta... un ricordo... ben triste...,
Col mio Pedro... voleva... morir!

Marcello ascoltando il nome di Pedro, il guardo balena d'odio.

NABOR

Se tal ventura
Ti da conforto,
Il suo corpo sapea trovar!...

Marcello ascolta avidamente Nabor.

E al pover morto
La sepultura
Qui potei dar!...

ZABEL, ricuperando le forze

È qui?

NABOR, indicando

Sotto la croce...

ZABEL, vacillando e volendo avvicinarsi alla grotta

Ó vecchio, tu m'aiuta...

Vede la croce, manifesta immenso giubilo. Marcello, volgendo il capo, s'allontana un poco alla dritta.

Io qui ti veggo... e miro...
La terra che nasconde il suo cadavere...
Dove voglio... esalar... l'estremo spiro...

Appoggiata su Nabor, con passo vacillante verso la croce.

MARCELLO, con disperazione contemplandola

Tutto finì nel sangue...
Oh! gelosia fatal!...

De amor minha alma langue... *—dio*
 Ah! nunca, nunca mais!

Zabel afasta brandamente Nabor, como quem quer ficar só: encosta-se a umas rochas: Nabor desvia-se contemplando-a de longe. Marcello, abatido, esconde a cabeça entre as mãos.

ZABEL, junto da cruz

Bemdito, ó Deus! que me permittes
 Beijar, morrendo, a terra santa,
 D'onde a sua alma se levanta
 Para impregnar-me em summos bens.

Ajoelhando lentamente.

Eil-a que envolve o meu espirito...
 Que affoga em beijos meu martyrio...

Levantando-se.

Pedro, no tumulto e no empyreo...
 Tua p'ra sempre... aqui me tens!

Suffoca-se repentinamente e cahe. O sol no seu occaso tinge de vermelho os cumes da serra.

MARCELLO, não se podendo conter, contempla Zabel e aproxima-se d'ella

Tudo findou no sangue!
 Amor, amor fatal!

NABOR

Ó Deus! recolhe a triste
 Na paz celestial!

Vendo-a cahir, precipitam-se para ella; porém Nabor detem com um gesto Marcello: este pára.

CORO, muito ao longe

Eh-lá... Eh-lá...
 Ó meu rebanho, corre veloz!

NABOR, tomando a mão de Zabel
 Morta!...

A Marcello.

Do teu delicto
 Afasta os olhos teus!

MARCELLO, curvando um joelho
 Perdão!

NABOR, solenne

Foge, precito!
 D'aqui te expulsa Deus!

Marcello, como apavorado, levanta-se: toma a clavina e afasta-se, subindo lentamente as penedias, voltando um olhar saudosos para o corpo inanimado de Zabel.

O PANNIO DESCE DEVAGAR

...ina langue...
...lfernal!...

...a dolcemente Nabor come se volesse
...ggiarsi ad una rocca: Nabor s'allontana
...a. Marcello abbattuto nasconde il capo fra

ZABEL, vicino alla croce

Grazie al Signore, che mi permette
Baciar morendo la santa terra,
Da dove l'alma sua mi disserra
Eterni cieli nel suo fulgor!

Inginocchiandosi lentamente.

E dessa involve tutto il mio spirito,
Di baci ingemme il mio martirio!

Alzandosi.

Pedro, nel tumulo e nell'empireo
Son tua per sempre, per sempre ognor!

Soffocandosi repentinamente, cade. Il sole al tramonto indora i culmini dei monti.

MARCELLO, non potendo contenersi, contempla Zabel
avvicinandosi

Tutto finì nel sangue!
Amor... amor fatal!...

NABOR

Signor, a lei concedi
La gloria celestial!

Vedendola cadere si precipitano: ma Nabor detiene Marcello con un gesto: questo si ferma.

CORO, molto lontano

Eh-la!... Eh-la!...
Ed il mio armento, corre veloce!

NABOR, prendendo la mano di Zabel

Morta...

A Marcello.

Dal suo cospetto
Ritraggi il guardo tuo!...

MARCELLO, in ginocchio

Perdon!...

NABOR, solenne

Va, maledetto!
Di qua ti scaccia Iddio!...

Marcello s'alza quasi pauroso: prende il fucile e s'allontana, montando lentamente il sentiero, gettando uno sguardo di compassione sul corpo di Zabel.

CALA LENTAMENTE LA TELA

que...

dio

como quem quer
desvia se con-
de a cabeça



A SERRANA

ACABOU DE IMPRIMIR-SE

a 24 de Fevereiro de 1899

NAS OFFICINAS DA

TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO

TRAVESSA DO SACRAMENTO, AO CARMO, 3 a 7

LISBOA



...lio

...quem quer
...via-se con-
...cabeça

e... dio

no quem quer
via-se con-
a cabeça



PREÇO 300 RÉIS

